

Atividades Extracurriculares na Formação Médica: Uma Revisão Sistemática da Literatura

Fernando Iago Rodrigues de Farias

Discente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas

✉ fernandoirfarias@gmail.com

Lorena Guerra Gonçalves

Discente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas

✉ lorena.goncalves@famed.ufal.br

Josineide Francisco Sampaio

Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas

Graduada em Estudos Sociais pela Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca

Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas

Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - FIOCRUZ

✉ josineide.sampaio@famed.ufal.br

Jairo Calado Cavalcante

Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas

Especialista em Epidemiologia pela Escola Nacional de Saúde Pública

Especialista em Sistemas de Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública

Especialista em Administração Hospitalar pela Faculdade São Camilo

✉ jairo.cavalcante@famed.ufal.br

Recebido em 23 de novembro de 2020

Aceito em 24 de abril de 2024

Resumo:

Conforme aumenta o número de médicos formados, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de Medicina e, conseqüentemente, seu Projeto Pedagógico (PP), que contempla os Conteúdos Curriculares (CC) e as Atividades Extracurriculares (AE), modificam-se na intenção de construir, durante a graduação, um médico atuante na melhoria da saúde da população, principalmente na Atenção Básica (AB). Esta revisão objetivou caracterizar o perfil das AE na graduação médica. Os artigos para esta revisão foram buscados no Portal de Periódicos CAPES e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando-se de forma integrada os descritores: “Medicina”, “Educação Médica” e “Atividades Extracurriculares”, sendo selecionados aqueles em português publicados entre 2011 e 2020, que foram sintetizados com suas referências e seus dados quantitativos transformados em tabelas pelo Microsoft Office Excel e Tabwin. Encontrou-se nos 11 artigos selecionados caracterização de várias AE, sendo a maioria sobre Ligas Acadêmicas, Projetos de Extensão e Iniciação Científica, principalmente por meio de relatos da experiência. A análise foi realizada considerando os achados dos artigos e as DCN, na qual identificou-se que predominam o assistencialismo sem longitudinalidade nas ações de Extensão e, no referido às Ligas, observou-se maior interesse no estudo de especialidades. A partir da análise, percebeu-se a necessidade de diálogo qualificado com os estudantes para um melhor entendimento da proposta de cada AE e também que sejam desenvolvidos novos estudos que possam ampliar o conhecimento sobre o tema.

Palavras-chave: Educação Médica, Atividade Extracurricular, Ligas Acadêmicas, Extensão Universitária.

Extracurricular activities in medical education: A systematic literature review

Abstract:

According to the increasing number of graduated physicians, the National Curriculum Guidelines (NCG) for medical schools and, consequently, your Pedagogic Project which contemplates the Curriculum Contents and Extracurricular Activities (EA), modifies itself in the intention to build, during the graduation, a active physician involved in the improvement of the population's health, especially in Primary Care. This systematic review of the literature aimed to characterize the profile of EA in medical graduation. The articles for this review were searched in the Portal of Periodicos (CAPES) and in the Virtual Health Library (BVS) using the combined descriptors "Medicine", "Medical Education" and "Extracurricular Activities", being selected those in portuguese published between 2011 and 2020, that were synthesized with references and quantitative data in Microsoft Office Excel and Tabwin. Characterization of multiples EA were found within the 11 chosen articles, being the majority of them about Academics Leagues, Extension Projects and Scientific Initiation, especially through experience reports. The analisis was realized considering the findings within the papers and the NGC, and were identified the predominance of welfare actions without longitudinal interaction in Extension, while and Leagues reports it was observed larger interest in the study of specialties. Through this analysis was observed the need of a qualified dialogue with students in order to provide a better understanding of the EA propositions and also that future studies are required to be developed towards expanding the knowlegeand address the challeges about the EA.

Keywords: Medical Education, Extracurricular Activities, Academic Leagues, Extension Projects.

Actividades extracurriculares en la educación médica: una revisión sistemática de la literatura

Resumen:

Conforme aumenta el número de médicos capacitados, las Directrices Curriculares de la carrera de Medicina (DCN) y, en consecuencia, su Proyecto Pedagógico, que incluye los Contenidos Curriculares y Actividades Extracurriculares (AE), cambia la intención de construir, durante la graduación, un médico activo en la mejoría de la salud de la población, especialmente en la Atención Primaria. Esta revisión tuvo como objetivo caracterizar el perfil de EA en la graduación médica. Los artículos para esta revisión se obtuvieron en lo Portal de Revistas CAPES y en la Biblioteca Virtual en Salud - BVS - utilizando-se los descriptores "Medicina", "Educación Médica" y "Actividades Extracurriculares" de manera integrada, sendo seleccionados aquellos en portugués publicados entre 2011 y 2020, que fueron sintetizados con sus referencias y sus datos cuantitativos transformados en tablas por intermedio de Microsoft Office Excel y Tabwin. Se encontró en los 11 artículos seleccionados la caracterización detallada de varios AE, la mayoría de ellos sobre Ligas Académicas, Proyectos de Extensión e Iniciación Científica, principalmente a través de informes de Experiencia. El análisis se realizó considerando los hallazgos de los artículos y la DCN, en el cual se identificó que la asistencia con predominio sin longitudinalidad predomina en las acciones de Extensión y en lo que se refiere a las Ligas, hubo mayor interés por el estudio de especialidades. A partir del análisis se percibe la necesidad de un diálogo calificado con los estudiantes para una mejor comprensión de la propuesta de cada AE y también para el desarrollo de nuevos estudios que puedan ampliar el conocimiento acerca del tema.

Palabras clave: Educación Médica, Actividades Extracurriculares, Ligas Académicas, Extensión Universitária.

INTRODUÇÃO

O curso de Medicina aumenta de forma constante e expressiva o número de profissionais formados a cada ano, em especial por conta da expansão das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, em média, a cada quinquênio, a taxa de crescimento pode ser duas vezes

maior em relação à taxa de crescimento populacional (SCHEFFER *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2019). Estas mudanças quantitativas e conjunturais tornaram urgentes as mudanças curriculares qualitativas na última década, tendo como principal exemplo a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Medicina em 2011, com posterior atualização em 2014 (BRASIL, 2001, 2014). Tal documento busca guiar a formação dos profissionais médicos a partir de processos ativos dos estudantes, incentivando a formação do pensamento crítico e, consequentemente, de ações engajadas com a promoção de saúde (CRUZ, 2019), sempre enfatizando a atuação na saúde coletiva e, em específico, na Atenção Básica (AB).

As DCN indicam as Áreas de Competência da Prática Médica e os Conteúdos Curriculares do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Medicina, sendo este último capítulo aquele que versa sobre Atividades Extracurriculares (AE), o foco desta Revisão (BRASIL, 2014). Estas devem ser constituídas sob a perspectiva do tripé universitário, composto por: Ensino, Pesquisa e Extensão. Tais Atividades são buscadas pelos estudantes para uma formação diferenciada e, na maioria das vezes, tem objetivo de aumentar as chances nos processos seletivos de residência e de emprego (CARVALHO *et al.*, 2013). Dentre as AE mais ofertadas no curso de Medicina, estão as Ligas Acadêmicas, as Iniciações Científicas, os Projetos de Extensão, as Monitorias, entre outras (BRASIL, 2014).

Uma das modalidades de AE, a Extensão Universitária, foi construída a partir do I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas, em 1987, sendo, nesse evento, definida como:

(...) um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico (FORPROEX, 2012, p. 8).

Esse evento surgiu como resultado de um conjunto de movimentos, discussões e leis que culminaram na edificação nessa noção de AE como uma ligação entre a Universidade Pública e a população. Com o desenvolvimento da Extensão e a adição das ideias de Paulo Freire, essa atividade cada vez mais reconheceu o povo como produtor de saber e, assim, também

ator dessa atividade universitária. Com o desenvolvimento do entendimento de papel social da Universidade, a institucionalização da extensão se consolidou em novembro de 1987 com a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, que estabeleceu as bases da atividade extensionista. Tendo em vista toda essa construção, a extensão contemporânea deve se basear nas seguintes diretrizes: “interação dialógica, interdisciplinaridade, indissociabilidade da tríade Ensino-Pesquisa-Extensão, impacto na formação do estudante e impacto e transformação social” (FORPROEX, 2012).

No contexto do curso de Medicina, a Extensão Universitária (EU) é tida como uma possibilidade de se aproximar da prática clínica, considerando-se o contato com a população inerente a essa atividade e o aprimoramento do currículo, tendo em vista também a residência médica (CARVALHO *et al.*, 2013). Todavia, na prática, nem sempre os princípios preconizados para as atividades extensionistas são contemplados, visto que o objetivo do discente não é necessariamente o mesmo daquele idealizado na construção dessa AE, que seria a constituição da ação extensionista como ferramenta para a atuação social transformadora pela universidade. Dessa dissonância surgem, então, desafios para a EU na atualidade, principalmente da forma como é preconizada, como agente de superação das desigualdades, subsídio ao desenvolvimento acadêmico e atividade de impacto na formação do estudante e não apenas ações isoladas de prestação de serviços reassistencialismo (FORPROEX, 2012).

Ainda entre as AE, as Ligas Acadêmicas de Medicina (LAM) são uma das mais visadas pelos estudantes de Medicina, sendo a Liga de Combate à Sífilis, a primeira a ser criada em 1920 na Universidade de São Paulo (USP) (REVISTA DE MEDICINA, 1942). Atualmente, as LAM são organizações estudantis de pequeno porte voltadas a uma área da saúde ou especialidade que tem como finalidade aprofundar os estudos, as Pesquisas, as práticas e as Extensões nesta temática, e também facilitar o acesso a campos de prática na área da Liga (COSTA *et al.*, 2012). Apesar de suas formas de organização variarem bastante, frequentemente há uma hierarquia entre os membros e uma prova de ingresso. Embora pautadas sob a perspectiva do tripé universitário, as Ligas costumam focar na parte do Ensino com estágios e especialidades, o que pode estimular desvalorização da formação generalista, e costumam ter pesquisas pontuais e Extensões assistencialistas ou atividades que não são Extensão (PÊGO-FERNANDES, 2011).

Outra atividade de destaque é a Iniciação Científica (IC), apesar de menos visada pelos estudantes (RESENDE *et al.*, 2013), que consiste em uma introdução dos graduandos na Pesquisa por meio de projetos orientados por professores (FAVA-DE-MORAES, 2000; COSTA *et al.*, 2012). Esta atividade, que pode ser remunerada, compõe o tripé universitário, sendo o primeiro contato de muitos estudantes com o método científico e um estímulo à valorização da Medicina Baseada em Evidências (MBE). Ademais, a IC também traz o discente para um contato mais próximo com um professor que o orienta, o que torna o aprendizado mais organizado (MACEIÓ, 2006).

Juntamente com a IC e com as LAM, que incentivam a produção acadêmica, a participação em eventos científicos é outra AE de grande valor para o amadurecimento de um futuro profissional crítico, pois neles ocorre uma ampla divulgação de conhecimento que pode ser utilizada para aprimorar a formação do estudante (HAYASHI; GUIMARÃES, 2016).

Dentre as AE com maior alinhamento entre teoria e prática estão os estágios, que são definidos pela Lei nº11.788/2008, também conhecida como Lei dos Estágios, sendo compreendido como:

Ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Neste sentido, os Estágios Extracurriculares (EE) ou não-obrigatórios têm, por lei, as mesmas características dos estágios obrigatórios, com a diferença de não serem exigidos para emissão do diploma do graduando. Apesar disso, as horas recebidas ao participar de um EE são computadas na carga horária complementar obrigatória (BRASIL, 2008).

Ademais, outra modalidade em que o discente tem experiências relacionadas à atuação profissional, como membro do processo educacional, é a monitoria. Ela consiste em uma AE oferecida pela própria universidade – inclusive com possibilidade de apoio financeiro –, em que o estudante, através de seleção, tem a função de auxiliar os demais de uma disciplina que ele tenha cursado, de acordo com orientação do professor responsável. Nesse contexto,

o monitor auxilia no desenvolvimento das atividades pedagógicas, tem contato com a atividade docente e pode se aprofundar naquela área de conhecimento (DANTAS, 2014). Nos cursos de Medicina, essa atividade também é valorizada pelo estudante, tanto para sua formação quanto para a composição do currículo nas provas de residência médica (CARVALHO *et al.*, 2013).

Além das monitorias, uma AE também ofertada por Instituições de Ensino Superior (IES) são as disciplinas eletivas. Nessa modalidade, o aluno tem a autonomia de escolher entre aquelas oferecidas por sua Instituição, podendo, inclusive, utilizar essa escolha para ampliar os conhecimentos em outras áreas além da Medicina. Ainda que nessa atividade o discente tenha liberdade para escolher, na maioria dos cursos existe obrigatoriedade em se fazer alguma disciplina dessa modalidade para compor a carga horária complementar obrigatória, determinada na matriz curricular do curso (CARVALHO *et al.*, 2013).

Tendo em vista a integração entre a comunidade acadêmica de países distintos na atualidade, os cursos de línguas são outra AE relevante. Não só no cenário médico, mas em todo o meio científico, considerando o volume de publicações em língua estrangeira, principalmente em inglês (CHEUEN NETO, 2013). Além disso, tem-se também as atividades esportivas (FIGUEIREDO *et al.*, 2009) que têm sido estimuladas nos cursos de medicina pelas Associações Atléticas Acadêmicas (AAA), assim como atividades culturais, ambas tendo pouco destaque entre as demais (GARCIA, ANDRADE, PERES, 2007). Outra AE que, na maioria das vezes, é desvinculada da instituição de ensino, mas que conta com uma adesão relevante dos estudantes, são os cursos de aperfeiçoamento que buscam reforçar ou aprofundar-se em algum tema do curso.

MÉTODO

As bases de dados utilizadas para realização da presente revisão sistemática foram o Portal de Periódicos CAPES e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Esta última, foi escolhida por integrar importantes bases de dados nacionais e internacionais de publicações científicas na área da saúde (SAMPAIO *et al.*, 2018). Para busca dos estudos, foram utilizados os seguintes descritores de forma integrada: Medicina, Educação Médica e Atividades Extracurriculares.

De acordo com o objetivo do estudo foram incluídas na amostra as publicações, considerando os seguintes critérios de inclusão: publicações do período de 2011 a 2020, em língua portuguesa; textos completos disponíveis no Portal de Periódicos CAPES e na BVS; formato de artigo; estudos realizados sobre as Atividades Extracurriculares envolvendo professores e discentes vinculados aos cursos de Medicina no Brasil.

Para sistematização e análise dos artigos, estruturou-se um quadro com a identificação da referência e dos seguintes aspectos: objeto, objetivo, metodologia, resultados e conclusões. A partir da análise desses itens foram identificados o tipo de estudo, ano de publicação e região geográfica do Brasil onde os estudos foram realizados. Em seguida, a partir da identificação dos principais resultados e conclusões, foram identificados e discutidos os tipos de AE apresentados nos artigos.

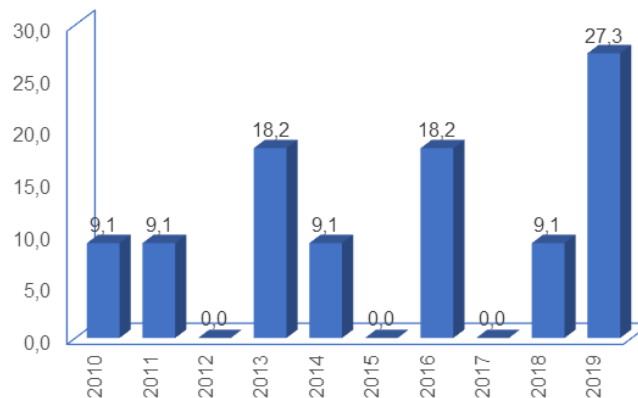
Os dados quantitativos estão apresentados sob a forma de valores absolutos e relativos. Com o Excel foram construídos tabelas e gráficos, e com o Tabwin (software gratuito do DATASUS) foram montados mapas. A análise de tendência foi realizada por regressão linear com o Microsoft Office Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a busca utilizando os descritores integrados foram identificados, inicialmente, 35 (42,2%) dos artigos na BVS e 48 (57,8%) no Portal de Periódicos CAPES, totalizando 83 artigos. Entretanto, após refinar a busca aplicando os critérios indicados anteriormente, foram identificados 18 (42%) artigos na BVS e 27 (60%) no Portal de Periódicos CAPES, entre os quais 7 eram repetidos, totalizando 38 artigos. Após a realização da leitura integral dos artigos, 11 foram analisados e incluídos no presente estudo, sendo 9 (81,8%) na BVS e 2 (18,2%) no Portal CAPES.

O Gráfico 1 representa a distribuição dos artigos ao longo dos anos. A regressão linear aplicada ao conteúdo do gráfico para avaliar tendência resultou em um $\beta=0,937$ e $R^2=0,098$. Revela uma tendência crescente ao longo dos anos, embora não significativa.

Gráfico 1 – Representação gráfica da distribuição percentual dos artigos por ano de busca. Brasil, 2010-2019.



Fonte: Autores.

A partir da análise do Gráfico, nota-se variação por ano no número de trabalhos com caracterizações das AE. Por não sustentar a tendência crescente e por ter alguns anos com quantidade zerada de publicações, demonstra-se que este tema em específico sobre as AE ainda carece de mais trabalhos.

Além da distribuição ao longo do tempo, a distribuição geográfica dos artigos teve os seguintes percentuais: 54,5% no Sudeste; 18,2% no Sul; 18,2% no Norte; 9,1% no Nordeste, e nenhum no Centro-Oeste. Por conta disso, a representatividade dos dados analisados torna-se limitada, tendo maior destaque o perfil de AE desenvolvida no Sudeste, com mais da metade dos artigos, em contraste com o Centro-Oeste, que não apresenta registro algum.

Apresenta-se no Quadro 1 a distribuição das publicações analisadas, agrupadas por Atividade Extracurricular. Para facilitar a leitura, os artigos estão enumerados de 1 a 11 em ordem alfabética e, quando forem citados, seguirão o padrão “Autor, (Código do Estudo), (Ano)”.

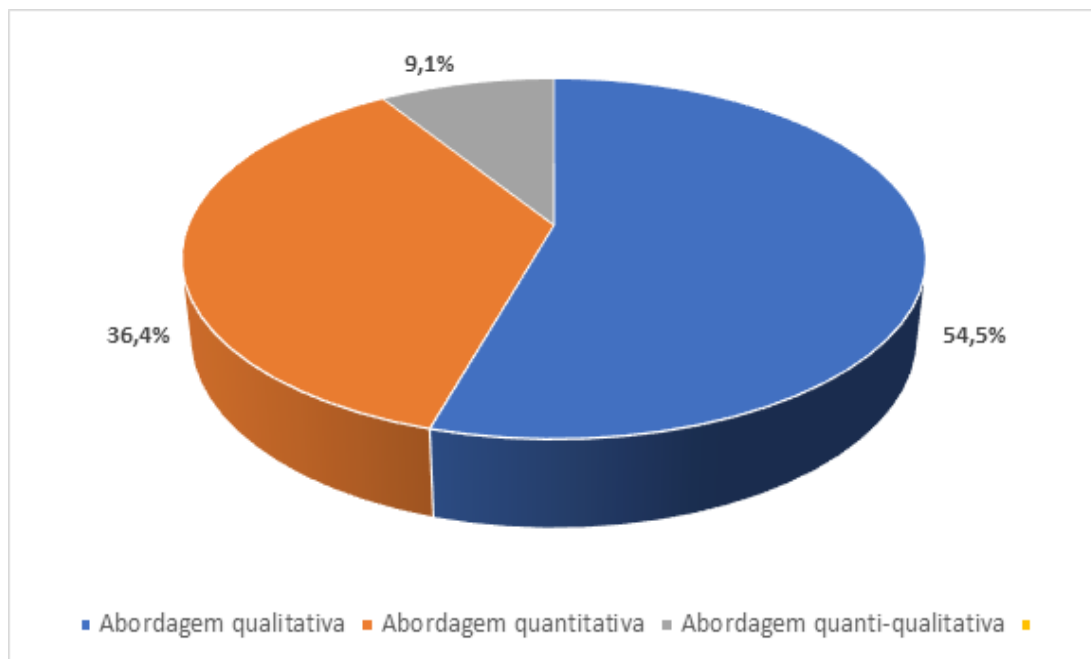
Tabela 1 – Descrição dos artigo utilizados na Revisão, segundo código de identificação, autor, tipo de estudo e Atividades Extracurriculares analisadas. Maceió/AL, Brasil, 2020.

Código de identificação	Autor	Tipo de estudo	Atividades Extracurriculares
Artigo 1	Andreoni <i>et al.</i> (2019)	Quantitativo e Descritivo analítico	Ligas Acadêmicas, Estágio Extracurricular
Artigo 2	Carneiro <i>et al.</i> (2010)	Qualitativo/Relato de Experiência	Extensão
Artigo 3	Carvalho <i>et al.</i> (2013)	Quanti-qualitativo e Analítico-descritivo	Ligas Acadêmicas, Extensão, Pesquisa, Monitoria, Estágio extracurricular e Cursos de línguas, cursos de aperfeiçoamento em temas médicos, grupos de estudos e esportes e cultura
Artigo 4	Cheuen Neto <i>et al.</i> (2013)	Quantitativo e Observacional	Extensão, Pesquisa, Monitoria, Estágio Extracurricular, Cursos de línguas, cursos de aperfeiçoamento em temas médicos, grupos de estudos e esportes e cultura.
Artigo 5	Cruz <i>et al.</i> (2019)	Quantitativo e Observacional	Extensão
Artigo 6	Daniel <i>et al.</i> (2018)	Qualitativo e Relato de Experiência	Ligas Acadêmicas e Extensão
Artigo 7	Ferreira; Souza; Botelho (2016)	Quantitativo e Descritivo	Ligas Acadêmicas e Estágio Extracurricular
Artigo 8	Hamamoto Filho <i>et al.</i> (2010)	Qualitativo e Descritivo	Ligas Acadêmicas
Artigo 9	Montiel <i>et al.</i> (2016)	Qualitativo e Relato de Experiência	Ligas Acadêmicas
Artigo 10	Vieira <i>et al.</i> (2014)	Qualitativo e Relato de Experiência	Ligas Acadêmicas e Extensão
Artigo 11	Yang <i>et al.</i> (2019)	Qualitativo e Relato Experiência	Ligas Acadêmicas e Extensão

Fonte: Autores.

Pode-se observar que a Liga Acadêmica (LA) é a Atividade Extracurricular (AE) mais abordada entre os estudos analisados, correspondendo a maioria (8), sendo que 5 destes são de abordagem qualitativa, 2 quantitativa e apenas um de abordagem quanti-qualitativa. A segunda AE mais abordada é a Extensão (7), entre os quais 4 são qualitativos, 2 quantitativos e um quanti-qualitativo. Seguida pelos Estágios Extracurriculares (EE) (4), sendo 3 estudos de abordagem quantitativa e um quanti-qualitativa. As demais AE como Monitoria, Pesquisa e Cursos foram abordadas em dois ou três estudos analisados. A distribuição dos artigos quanto à abordagem consta no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição percentual dos artigos por tipo de estudo. Brasil, 2010-2019.



Fonte: Autores.

Apesar da caracterização ter sido detalhada nos artigos incluídos, há limitações a serem consideradas para uma análise mais aprofundada dos dados obtidos. A maioria dessa abordagem foi de relatos de experiência, restritos a um projeto específico, o que permite caracterizar apenas aquela AE descrita. Além disso, nesse tipo de estudo expressa-se predominantemente a visão unilateral dos estudantes envolvidos naquela AE, o que limita o alcance da análise.

LIGAS ACADÊMICAS (LA)

As Ligas Acadêmicas (LA) fazem parte de uma das atividades mais comuns nos cursos de Medicina, sendo a maioria dos estudos identificados a elas relacionados. A existência de um curso introdutório ou aula inaugural e também de uma prova para ingresso foi vista em quase todas as Ligas analisadas, sendo exceções as Ligas descritas por Daniel *et al.* (2018)^(Artigo 6) e Montiel *et al.* (2016)^(Artigo 9), que, respectivamente, não descreveram aula inaugural e prova de ingresso. A restrição de participação apenas para alunos de Medicina estava presente em todas as Ligas analisadas nos estudos. Além disso, com exceção da Liga descrita no trabalho de Montiel *et al.* (2016)^(Artigo 9), todas as Ligas afirmaram ter orientação docente apenas de médicos. Em todas as Ligas relatadas, observou-se que os discentes preparam e ministram aulas uns para os outros.

Excetuando o estudo de Yang *et al.* (2019)^(Artigo 11), que descreve uma Liga do ciclo básico, todos os outros relatos sobre Ligas afirmaram que organizavam estágios clínico-cirúrgicos supervisionados ou acompanhamento ambulatorial. No estudo de Montiel *et al.* (2016)^(Artigo 9), identificou-se que há acompanhamento não só de médicos, mas também de nutricionistas e em Yang *et al.* (2019)^(Artigo 11), retratou-se ênfase à importância dada pelos Ligantes à entrada precoce no Centro Cirúrgico (ambulatorial e de emergência), algo valorizado principalmente por facilitar o acesso ao ambiente hospitalar, visto que em Rondônia (RO), Estado onde realizou-se o estudo, não havia, até então, um Hospital Universitário (HU).

Todas as Ligas descritas tinham atividade científica e de pesquisa, embora algumas pontuações sejam necessárias. No estudo de Andreoni *et al.* (2019)^(Artigo 1), cerca de metade das Ligas analisadas não apresentou nenhum trabalho em Congresso no último ano e aquelas que apresentaram tiveram em média uma apresentação no ano. O estudo de Daniel *et al.* (2018)^(Artigo 6) não descreve profundamente nenhuma atividade de pesquisa, apenas cita que é realizada pelos ligantes. Identificou-se uma discrepância relacionada à Pesquisa no trabalho de Ferreira; Souza; Botelho (2016)^(Artigo 7), pois descreve a AE em quase todas as Ligas, com mais da metade delas tendo entre 1 a 9 Projetos no último ano, porém, mais de 75% delas não publicou nenhum artigo no período. Em Montiel *et al.* (2016)^(Artigo 9) e Vieira *et al.* (2014)^(Artigo 10), descreveu-se a elaboração de Projetos de Pesquisa das especialidades que são foco em suas Ligas, com publicação de artigos. Somado a isso, Yang *et al.* (2019)^(Artigo 11) incluiu como pesquisa um levantamento de dados utilizado para publicação de trabalhos em congresso.

No âmbito da pesquisa, há também a participação em eventos acadêmicos, presente em todas as Ligas descritas e que, segundo Carvalho *et al.* (2013), é uma atividade muito comum para o estudante de Medicina. Foi relatado incentivo por parte das Ligas à ida a congressos nos artigos de Andreoni *et al.* (2019) ^(Artigo 1), Ferreira, Souza e Botelho (2016) ^(Artigo 7), Montiel *et al.* (2016) ^(Artigo 9), Vieira *et al.* (2014) ^(Artigo 10) e Yang *et al.* (2019) ^(Artigo 11).

As Extensões nas Ligas chegam a estar presentes em cerca de 70% delas e todas tinham participação docente com orientação de médicos, segundo Ferreira; Souza; Botelho (2019) ^(Artigo 7). Um exemplo destas, são as Extensões descritas por Daniel *et al.* (2018) ^(Artigo 6), que visam, principalmente, divulgar prevenção de fatores de risco de acidentes de trabalho, assim como as descritas por Montiel *et al.* (2016) ^(Artigo 9), organizadas em encontros com palestras ministradas por ligantes e docentes, elaboração de uma cartilha sobre alimentação saudável e orientações sobre alimentação saudável em supermercados. Por fim, o estudo de Vieira *et al.* (2014) ^(Artigo 10) cita que há Extensão na Liga, inclusive com um cargo na diretoria apenas para isso, porém, não é descrita nenhuma.

Além disso, relatou-se em algumas Ligas descritas a filiação a Associações Médicas de Especialidade (AME) (ANDREONI, 2019; FERREIRA; SOUZA; BOTELHO, 2016; VIEIRA 2014). Este contato próximo gera, no caso do Artigo 10, a permissão de participar de aulas da Sociedade Brasileira de Ortopedia (SOB) (VIEIRA, 2014). Apesar da possibilidade de especialização precoce, que pode prejudicar a formação generalista prevista nas DCN, a Liga descrita no estudo Yang *et al.* (2019) ^(Artigo 11) acompanha a grade curricular e funciona como suplemento da formação sobre anatomia para os alunos do ciclo básico.

O trabalho de Hamamoto Filho *et al.* (2010) ^(Artigo 8) diferenciou-se bastante dos outros artigos, pois analisou a normatização de abertura de Ligas Acadêmicas na UNESP e não as Ligas em si. Este demonstra não apenas a caracterização das Ligas, mas também como foi possível a mudança deste perfil com a criação do Conselho. Este Conselho discente e órgãos docentes relacionados determinam quais Ligas Acadêmicas podem se instituir na Faculdade e de que forma. O processo de avaliação estabelecido observa ao longo de suas etapas, por exemplo, se há inserção no Sistema Único de Saúde (SUS), na Atenção Primária (AP), respeito aos princípios do SUS e também ao tripé universitário. Caso seja reprovada, os órgãos e os proponentes dialogam para que a questão seja corrigida, com direito a nova proposição (HAMAMOTO FILHO *et al.*, 2016).

Todavia, apesar dos aspectos positivos relativos ao aprendizado de raciocínio clínico-científico no escopo da LAM, são feitas também intensas críticas a elas, principalmente por estimularem uma especialização precoce, o que vai de encontro à proposta das DCN da graduação médica de formar generalistas (PÊGO-FERNANDES, 2011). Além disso, as LAM costumam surgir para sanar supostas lacunas na grade curricular, o que pode acomodar discentes e docentes sobre possíveis discussões para mudanças curriculares, que nem sempre são necessárias, ao menos não com a maior valorização de especialidades (SOUZA; FERREIRA; BOTE-LHO, 2014).

EXTENSÃO

A extensão possui uma participação expressiva dos estudantes entre as Atividades Extracurriculares (AE), como afirma Cheuen Neto *et al.* (2013) ^(Artigo 4), sendo considerada como necessária por 45% dos alunos entrevistados, por entenderem a extensão como uma forma do discente integrar a realidade social da comunidade em que está inserido e onde atuará, o aproximando da prática médica. Outro motivador para o envolvimento dos estudantes consiste nessa AE ser um dos pontos analisados no currículo para o ingresso em programas de residência médica.

Segundo o relato de Carneiro *et al.* (2013) ^(Artigo 2) sobre as atividades de extensão desenvolvidas pelos acadêmicos de Medicina do projeto de extensão Unimontes Solidária em Indaiabira (MG), identificou-se a sua importância para integração ensino, pesquisa e extensão e como forma de complementar a formação acadêmica, colocando o conhecimento da academia à serviço da comunidade e buscando combater as desigualdades. As ações de extensão ocorreram em cidades com IDH abaixo da média do Estado, através de atendimentos e da transmissão de informações em saúde, a partir das necessidades da comunidade. O caráter da extensão como ponte entre comunidade e academia, também foi mencionado nos estudos de Cruz *et al.* (2019) ^(Artigo 5) e Vieira *et al.* (2014) ^(Artigo 10), que a reafirmam como uma forma dos estudantes desses trabalhos envolvidos nessas ações se aproximarem da população e estenderem sua área de atuação.

Essa possibilidade de contato com a prática é destacada como um elemento motivador para busca de projetos de extensão pelos estudantes, principalmente os que desenvolvem atividades que tenham viés clínico e contato com pacientes, algo que torna a extensão bem avaliada pelos alunos analisados por Carvalho *et al.* (2013)^(Artigo 3). Entretanto, em relação às ações de extensão vinculadas às Ligas, o estudo de Daniel *et al.* (2018)^(Artigo 6) destaca que essas ações, mesmo que tenham a intenção de promover a saúde, são desenvolvidas pelos alunos como momentos pontuais e desprovidos de um acompanhamento continuado do seu público-alvo e objetivos dessa extensão, o que limita o real entendimento dos processos de adoecimento e a efetividade das intervenções que os acadêmicos promovem.

Em relação às áreas de atuação das ações de extensão o estudo de Resende *et al.* (2016)^(Artigo 9) identificou que a maioria são desenvolvidos nas áreas de Saúde Coletiva (22,72%), Endocrinologia (11,36%), Ginecologia e Obstetrícia (11,36%) e Psiquiatria (9,09%), enquanto que o estudo de Vieira *et al.* (2014)^(Artigo 10) identificou que foram sobre refluxo gastroesofágico e traumatismo cranioencefálico. Ainda sobre o trabalho de Resende *et al.* (2016)^(Artigo 9), as áreas de atuação das ações de extensão são mais diversificadas por conta de se voltar para os serviços e a comunidades, e não ser exigido que o docente orientador tenha o título de doutor.

ESTÁGIOS EXTRACURRICULARES E ACOMPANHAMENTO INFORMAL DE MÉDICOS

A escolha de um EE comumente se dá para suprir uma curiosidade do estudante sobre determinada área, aumentar sua qualificação ao praticar mais vezes o aprendido no curso, ter novas experiências e buscar diferenciais em seu currículo. Entretanto, é necessário atentar-se para a qualidade do estágio, pois o caráter pedagógico não pode ser perdido; por isso, a supervisão e a qualificação (não somente técnica, mas também pedagógica) do supervisor é essencial (LAVALL, 2014; NASCIMENTO *et al.*, 2008). Por sua vez, uma prática similar, mas bastante questionável sobre seu caráter pedagógico e ético, o acompanhamento informal de médicos, é frequente em muitos lugares do país como parte da cultura do curso de Medicina (CARVALHO *et al.*, 2013).

Frequentemente os EE também são promovidos pelas Ligas Acadêmicas (LA) (ANDREONI *et al.*, 2019; CARVALHO *et al.*, 2013; CHEUEN *et al.*, 2013; FERREIRA, SOUZA, BOTELHO, 2016).

Segundo Andreoni *et al.* (2019)^(Artigo 1), que analisou várias Ligas Acadêmicas de Angiologia e Cirurgia Vascular de São Paulo, 85% delas ofertavam Estágios clínico-cirúrgicos supervisionados. Resultado semelhante foi identificado por Ferreira, Souza e Botelho (2019)^(Artigo 7), onde os Estágios extracurriculares são ofertados por 70,5% das Ligas analisadas.

O acompanhamento em serviços hospitalares de maneira informal foi identificada como uma AE similar aos Estágios Extracurriculares (EE) muito frequente e que, apesar de ter caráter informal, é uma prática enfaticamente valorizada pelos estudantes segundo Carvalho *et al.* (2013)^(Artigo 3). No estudo de Cheuen Neto *et al.* (2013)^(Artigo 4) sobre o perfil das atividades desenvolvidas nos EE, identificou-se que 65,5% são supervisionados por médicos professores universitários; 15% por médicos que não eram professores universitários; 9,8% por professores que não eram médicos; 5,6% por residentes; 3% por pessoas que não eram nem professores nem médicos, e 3% por acadêmicos não supervisionados.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Em relação à Iniciação Científica (IC), Carvalho *et al.* (2013)^(Artigo 3) identificou que a maioria dos estudantes entrevistados participaram dessa Atividade Extracurricular (AE) no decorrer da graduação, sobretudo, nos períodos iniciais, até o quinto período do curso. Entretanto, o estudo de Chehuen Neto *et al.* (2013)^(Artigo 4), identificou a IC foi referida em 8,6 dos participante, apresentando-se como minoritária entre as várias AE citadas.

Os estudantes são atraídos para participarem dessa AE pelo acesso voluntário, o desejo de ter uma experiência externa ao currículo e o estímulo ao exercício da leitura científica e crítica, o desenvolvimento de competências do iniciante, além da valorização e do reconhecimento dessa AE em processos seletivos de pós-graduação, novos grupos de pesquisa ou projetos que possuam auxílio financeiro (FAVA-DE-MORAES, 2000). Observa-se que conforme há mais programas de financiamento, o interesse pela IC aumenta tanto entre estudantes quanto entre professores (PÊGO-FERNANDES, 2013), embora, segundo Carvalho *et al.* (2013)^(Artigo 3), a IC ainda tenha baixa procura pelos estudantes de Medicina, especialmente aquelas com menor tempo em contato com pacientes.

MONITORIA

No estudo de Carvalho *et al.* (2013)^(Artigo 3), identificou-se a Monitoria está entre as Atividades Extracurriculares que possui maior adesão pelos estudantes entrevistados, correspondendo a 16% com bolsa e 18,6% sem bolsa, sendo vista como uma atividade importante para a formação acadêmica e composição do currículo, apesar de ser tida como algo que demanda muito tempo do aluno. No estudo de Cheuen Neto *et al.* (2013)^(Artigo 4), a participação dos alunos nesta AE correspondeu a 56,8%; esta aumenta conforme o curso avança. Elas são ofertadas pelas instituições de ensino e a maioria disponibiliza bolsas, além de poderem resultar em pontos na análise curricular nos processos seletivos das residências médicas.

DISCIPLINAS ELETIVAS

De acordo com Carvalho *et al.* (2013)^(Artigo 3), 67,3% dos alunos investigados cursava pelo menos uma disciplina eletiva, e entre aqueles 11 discentes que não mantinham nenhuma outra modalidade de AE, 10 estavam inseridos nessas. Destaca-se que no mesmo estudo, entre o grupo dos entrevistados, 8 de 12 relataram insucesso em matricular-se nas disciplinas eletivas de interesse. Resultado semelhante foi identificado por Chehuen Neto *et al.* (2013)^(Artigo 4), no qual 76,4% dos sujeitos investigados teria participado de alguma disciplina eletiva, ainda que, ao responder o que considerava-se necessário para o currículo formal, apenas 16,8% citaram essa atividade. Ainda que essa atividade seja valorizada entre os alunos, a impossibilidade de fazer alguma matéria por falta de vagas ou mesmo pela sua ausência e pela falta de uma orientação ao discente sobre esse processo de escolha, foram alguns problemas indicados pelos estudantes. Percebe-se também que, assim como na extensão, as disciplinas com maior atuação prática ganham preferência (VIEIRA *et al.*, 2005).

Esse conjunto de fatores acaba fazendo com que, muitas vezes, essa carga horária seja percebida pelos estudantes como sendo apenas mais uma etapa para a obtenção do diploma, de forma que 7 dos 12 entrevistados afirmaram que as disciplinas eletivas configuram-se como uma obrigação para o cumprimento de carga horária, não sendo, então, aproveitada como uma oportunidade de obtenção de conhecimento e enriquecimento da sua formação (CARVALHO *et al.*, 2013).

CURSOS DE LÍNGUAS, CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO EM TEMAS MÉDICOS, GRUPOS DE ESTUDOS E ESPORTES E CULTURA

Os cursos de língua foram identificados entre as AE mais frequentes entre os estudantes do curso médico. A maioria dos estudantes participam dessa atividade, sobretudo, durante o ciclo básico, dada a crescente demanda pela língua inglesa, porém o custo financeiro, muitas vezes, torna essa AE inacessível para parte dos discentes. Quando são ofertados pela própria Universidade, os alunos têm dificuldade de manter uma logística que consiga realizar o curso, seja pelos horários ou por conta da distância entre os *campi* onde ocorriam as aulas do ciclo clínico e as aulas de língua estrangeira (CARVALHO *et al.*, 2013).

Os cursos de aperfeiçoamento, por sua vez, são citados como a segunda atividade que os discentes gostariam de ter de forma curricular, correspondendo à opinião de 55,4% dos participantes. Tal como as Ligas Acadêmicas (LA), a adesão a esses cursos pode indicar lacunas entre os assuntos contemplados pela matriz curricular do curso de graduação, constituindo-se em uma maneira do estudante não só buscar o enriquecimento do seu currículo, mas, também, buscar aprendizados que ele acredita serem importantes para sua atuação como futuro profissional. Entretanto, é importante observar que tanto para os cursos de línguas quanto para os cursos de aperfeiçoamento, o fator financeiro foi colocado como uma dificuldade por 3,6% dos estudantes (CHEUEN NETO *et al.*, 2013).

Em relação aos Grupos de Estudo (GE), segundo Cheuen Neto *et al.* (2013)^(Artigo 4), 13, 2% dos alunos citaram que participaram ou participam dessa AE, estando entre as menos frequentes. Uma outra AE pouco citada são as atividades esportivas e culturais, que foram pontuadas no estudo de Carvalho *et al.* (2013)^(Artigo 3). A não validação da carga horária pelas Instituições de Ensino (IE) fazem com que essas ações tenham sua adesão prejudicada, ainda que sejam importantes para o aluno, não só do ponto de vista educacional, mas também pessoal (CRUZ *et al.*, 2019)^(Artigo 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que observa-se os resultados encontrados nos estudos desta revisão,

percebe-se que, ao passo que as mudanças das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) buscam a formação do perfil profissional atuante na Atenção Básica (AB), as AE indicadas como de maior interesse dos alunos são relacionadas a outros serviços, em geral de maior complexidade. Além disso, quando a atenção primária e os temas de saúde coletiva são valorizados, isso se dá pela possibilidade do aluno atuar numa posição que se aproxima da prática médica, e, não necessariamente, pela oportunidade de ter a experiência dentro desse contexto como uma fonte de conhecimentos que vão além do que é oferecido pela academia, pelas Instituições de Ensino (IE).

No caso da extensão, principalmente, percebe-se como essa visão do aluno difere daquilo que é preconizado pela Política Nacional de Extensão (PNE), evidenciando um descompasso entre as intenções declaradas nesse documento e nas DCN, assim como nas condutas dos alunos. A investigação dessa relação discordante faz-se necessária, pois evidencia que as mudanças elaboradas no campo institucional, no intuito de formar um tipo de profissional que corresponderá às demandas da sociedade, distancia-se da realidade do discente, podendo não atingir de fato seus objetivos.

Do mesmo modo, as Ligas Acadêmicas (LA), com sua organização costumeiramente centrada no profissional médico e em especialidades, reforçam essa tendência que vai de encontro ao preconizado nas DCN, o que pode prejudicar a formação generalista e voltada para a Atenção Primária. Os estudantes visam as AE como oportunidades de novas experiências que sanem lacunas curriculares. O questionamento da existência de tais lacunas e problemáticas de cada AE pode ser solucionado por meio do diálogo em espaços democráticos propositivos e deliberativos entre discentes e docentes para o redimensionamento curricular.

Como discutido, há necessidade de novos estudos, que possam aprofundar o entendimento do tema. Os formatos dos artigos e os vieses dos autores precisam ser levados em consideração tanto para uma análise realista quanto para estimular a produção de trabalhos que consigam melhor caracterizar as AE no curso médico.

Por esta caracterização e crítica, faz-se essencial um maior diálogo com os discentes para que entendam as DCN, a PNE e outros fundamentos de sua graduação, além de possibilitar um adequado redimensionamento curricular. Ademais, pesquisas que analisem a participação estudantil na construção e regulamentação local de AE podem ser úteis para um entendimento mais qualificado deste processo. Por fim, nota-se a necessidade de mais estudos para

uma melhor caracterização das Atividades Extracurriculares (AE) no curso de Medicina, especialmente discutidos com base nas DCN, com estudos mais abrangentes.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, N.; FERREIRA, I.; SOUZA, L. Ligas acadêmicas de medicina: artigo de revisão. **Revista Paranaense de Medicina**, [S.L.], v. 27, n. 4, p. 85-88, jan. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/287216091_Ligas_Academicas_de_Medicina_Artigo_de_Revisao>. Acesso em: 21 set. 2020.
- BRASIL. Constituição (1988). Lei nº11.788, de 25 de setembro de 2008. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.html>. Acesso em: 21 set. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição. Despacho ministerial de 3 out. 2001. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1133_01.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Despacho ministerial de 3 abr. 2014. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15514-pces116-14&category_slug=abril-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 set. 2020.
- CARVALHO, M. *et al.* A composição do curriculum vitae entre estudantes de medicina e seus condicionantes. **Rev. Bras. Educ. Med.** [S.L.], v. 37, n. 4, p. 483-491, dez. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-55022013000400003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022013000400003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 21 set. 2020.
- COSTA, B. *et al.* Reflexões sobre a importância do currículo informal do estudante de medicina. **Scientia Medica**, v. 22, n. 3, p. 162-168, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/11636>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- COSTA, J. *et al.* A Transformação Curricular e a Escolha da Especialidade Médica. **Rev. Bras. Educ. Med.** [S.L.], v. 38, n. 1, p. 47-58, 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n1/07.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- FAVA-DE-MORAES, F.; FAVA, M. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 73-77, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9803.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- FERREIRA, I. G.; SOUZA, L. E. A.; BOTELHO, N. M.. Ligas Acadêmicas de Medicina: perfil e contribuições para o ensino médico. **Rev. Soc. Bras. Clín. Méd.**, 14(4):239-244, 2016. Disponível em: <<http://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/download/221/217/>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- FERREIRA, R.A., *et al.* O estudante de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais: perfil e tendências. **Rev. Ass. Med. Bras.**, [S. L.] v. 46, n. 3, p. 224-231. São Paulo. Set. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-4230200000300007&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 21 set. 2020.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, mai. 2012. Disponível em: <<https://ufal.br/ufal/extensao/documentos/politica-nacional-de-extensao/view>>. Acesso em: 21 set. 2020.
- FRANCO, C.; CUBAS, M.; FRANCO, R. Currículo de Medicina e as Competências Propostas pelas Diretrizes Curriculares. **Rev. Bras. Educ. Med.** [S.L.], v. 38, n. 2, p. 221-230, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n2/a09v38n2.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

HAYASHI, M.; GUIMARÃES, V. A comunicação da ciência em eventos científicos na visão de pesquisadores. **Em Questão**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 161-183, 29 set. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/63251>>. Acesso em: 21 set. 2020.

LAVALL, J.; BARDEN, J. Estágio não obrigatório: contribuições para a formação acadêmica e profissional do estudante da univates. **Revista GUAL**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 47-68, 28 maio 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/%20view/1983-4535.2014v7n2p47>>. Acesso em: 21 set. 2020.

LIGA DE COMBATE À SIFILIS. Serviço de Tratamento Gratuito da Sífilis. Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" (1920). **Revista de Medicina**. Disponível em: <www.revistas.usp.br/revistadc/article/download/48854/52929>. Acesso em: 21 set. 2020.

MACEIÓ. Programa de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Manual de Iniciação Científica. Maceió: UECSA, 2006. 48 p. Disponível em: <http://usinadepesquisa.com/metodologia/wp-content/uploads/2010/08/manual_ic_uncisal_geral.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

MEIRELES, M.; FERNANDES, C.; SILVA, L. Novas Diretrizes Curriculares Nacionais e a Formação Médica: expectativas dos discentes do primeiro ano do curso de medicina de uma instituição de ensino superior. **Rev. Bras. Educ. Med.** [S.L.], v. 43, n. 2, p. 67-78, jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022019000200067>. Acesso em: 21 set. 2020.

MORETTI-PIRES, R.; BUENO, S. Freire e formação para o Sistema Único de Saúde: o enfermeiro, o médico e odontólogo. **Acta Paul. Enferm.** [S. L.], v. 22, n. 4, p. 439-444, 2009. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/apv/v22n4/a15v22n4.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

NASCIMENTO, D. *et al.* Avaliação dos estágios extracurriculares de medicina em unidade de terapia intensiva adulto. **Rev. Bras. Ter. Intensiva**, [S.L.], v. 20, n. 4, p. 355-361, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-507X2008000400007>. Acesso em: 21 set. 2020.

OLIVEIRA, B. *et al.* Evolução, distribuição e expansão dos cursos de medicina no Brasil (1808-2018). **Trab. Educ. Saúde**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 1-20, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00183>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v17n1/0102-6909-tes-17-1-e0018317.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.

RESENDE, J. *et al.* Importância da iniciação científica e projetos de extensão para graduação em medicina. **Rev. Bras. Ci. Saúde**, v. 17, n. 1, p. 11-18, 27 maio 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/14029>>. Acesso em: 21 set. 2020.

SAMPAIO, J.F. *et al.* A Extensão Universitária e a Promoção da Saúde no Brasil: Revisão Sistemática. **Revist. Port: Saúde e Sociedade**, v. 3, n. 3, p. 921-930, 2018. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/nuspfamed/article/view/5282/4856>>. Acesso em: 21 set. 2020.

SCHEFFER, M. *et al.* Demografia Médica no Brasil 2018. São Paulo, SP: FMUSP, CFM, CREMESP, 2018. 286 p. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/DemografiaMedica2018.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2020.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).